

O discurso profético de Jesus em Marcos 13

Especial para o Monergismo

Isaias Lobão Pereira Júniorⁱ

Foi escolhido, como foco documental deste artigo, o texto de Marcos 13.1-37, conhecido como o discurso de Jesus no Monte das Oliveiras. Trata-se de um texto particularmente difícil. Primeiro, por tratar simultaneamente de assuntos diferentes. Segundo, pela dificuldade textual quanto à relação entre a literatura apocalíptica judaica e o texto canônico do evangelho. Terceiro, pelas decisões críticas concernentes ao caráter e função deste material, seu arranjo estrutural e sua autenticidade essencial. William L. Lane afirma: “As questões suscitadas pela forma e conteúdo do capítulo e pela sua relação com o evangelho como um todo são complexas e difíceis e ocasionaram uma extensa literatura”.¹

Esse discurso está registrado nos três evangelhos sinóticos (Mateus 24.1-44; Marcos 13.1-37 e Lucas 21.5-36). O discurso no Monte das Oliveiras é a maior seção de ensinamento registrada no Evangelho segundo Marcos. Inicia com um diálogo (versos 1-4) e termina com um longo monólogo (versos 5-37). Marcos usa o discurso como uma ponte entre a controvérsia de Jesus com os líderes de Israel e a conseqüente crucificação.

Os registros desse sermão são resultado do trabalho editorial dos evangelistas elaborado com base nas tradições disponíveis. Pode-se atestar isto pelo fato que Marcos 13.9b-12 não é reproduzido em Mateus 24, mas é encontrado em Mateus 10.17-21, no discurso missionário dirigido aos doze apóstolos. O dito proferido por Jesus em Mateus 24.26-28 parece ser muito semelhante ao material proveniente do hipotético documento *Q*², aparecendo também em Lucas 17.23-24.³

Os comentaristas se dividem em quais versos Jesus está tratando da *parousia* e em quais está se referindo à destruição do templo de Jerusalém.

¹ LANE, William L. *The gospel according to Mark*. Grand Rapids: Eerdmans, 1974. p. 444.

² Essa hipótese está exposta de forma bastante clara em: MANSON, T. W. *O ensino de Jesus*. São Paulo: Aste, 1965, p. 41-61.

³ LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003. p. 261.

Albert Schweitzer sustentou que Jesus falava aqui acerca de sua *parousia*, e estava dessa forma predizendo um retorno dentro do tempo de vida de alguns de seus ouvintes. Para explicar sua posição, Schweitzer cunhou a expressão “escatologia consistente”. Para ele, Jesus acreditava que o reino seria inaugurado por um ato catastrófico de Deus, contudo isso não se realizou.

Segundo Schweitzer, Jesus passou por uma série de crises. Esperava a vinda maravilhosa do reino em diferentes momentos de seu ministério. Jesus teve de enfrentar o adiamento de suas expectativas. Para Schweitzer, a escatologia de Jesus não se concretizou. Isso levou ao conceito de Schweitzer de “adiamento da *parousia*”.⁴

Outros intérpretes sugerem que Jesus esteja se referindo à sua ressurreição, juntamente com o derramamento do Espírito subsequente; alguns dos que sustentam esta posição a relacionam especialmente com Romanos 1.4: “designado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos”. Uma posição similar a esta é a de N.B. Stonehouse sustenta de que Jesus estava se referindo, ao estabelecer sua Igreja, à sua atividade sobrenatural como Senhor ressurreto. Há os que interpretam as palavras de Jesus como uma menção a manifestações do Reino de Deus tais como o Pentecostes, o julgamento sobre Jerusalém ou o avanço poderoso do Evangelho no mundo pagão. E há eruditos que vêem o texto como indicando a destruição de Jerusalém e a subsequente expulsão dos judeus da Palestina, preparando, desta forma, o caminho para a formação do novo Israel, que consiste de judeus e gentios.⁵

Por sua vez, William Hendricksen defende o uso profético-tipológico no discurso de Jesus.⁶ Ele entende que Jesus está falando da destruição de Jerusalém e isto representa o juízo vindouro de Deus sobre o mundo. Ele entende que Jesus está respondendo duas questões propostas pelos discípulos: A primeira sobre a destruição do templo e da cidade santa e a segunda sobre a *parousia*.

Segundo o professor Anthony Hoekema, o método de ensino aqui utilizado por Jesus é o da condensação profética, no qual os eventos colocados em um tempo distante e eventos

⁴ SCHWEITZER, Albert. *A busca do Jesus Histórico*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005. p. 330-397.

⁵ HOEKEMA, Anthony. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 128.

⁶ HENDRICKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Marcos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 32.

do futuro próximos são mencionados como se estivessem bem juntos um do outro.⁷ Para ele, no Sermão Profético, portanto, Jesus está anunciando eventos do futuro distante em conexão estreita com eventos do futuro próximo. Lenski, semelhantemente, afirma que “os tempos aqui implícitos continuam desde a destruição de Jerusalém até o tempo da *parousia*”.⁸

Outra abordagem, que é bastante popular no meio evangélico, é método hermenêutico conhecido como dispensacionalismo. O dispensacionalismo é o sistema escatológico dos movimentos fundamentalista e pentecostal. Trata-se de um sistema interpretativo que divide a história em diferentes “dispensações” ou formas distintas e estanques de gerenciamento pactual. Em cada uma delas, Deus tem uma relação pactual diferente com os seres humanos e sempre termina com a falha deles em cumprir os requerimentos de Deus.⁹

Este sistema é construído sobre três pilares básicos:

- (1) Uma interpretação estritamente literal das Escrituras;
- (2) A distinção rígida entre Israel e Igreja, concluindo que o plano de Deus para com Israel é puramente terreno e para com a Igreja, celestial;
- (3) A Igreja é um parêntese imprevisto no programa judaico profetizado no AT.

Segundo esta posição, a presente era da Igreja continuará até que, com proximidade do fim, venha sobre a Terra um período de grande tribulação e sofrimento. Depois deste período de tribulação no final da era da Igreja, Cristo voltará para Terra para estabelecer seu reino milenar.

Seus proponentes defendem que Jesus Cristo voltará não só antes do milênio (a volta de Cristo é pré-milenar), mas também ocorrerá antes da grande tribulação (a volta de Cristo é pré-tribulacional). E ainda acrescentam outra volta de Cristo antes de sua vinda para reinar sobre a terra no milênio. Essa volta é vista como um retorno secreto de Cristo para tirar os crentes do mundo (arrebatamento).

Portanto, no cerne do dispensacionalismo está a distinção entre Igreja e Israel nos

⁷ HOEKEMA, 2003, p. 129-130.

⁸ LENSKI, R.C.H. *The interpretation of st. Mark's gospel*. Wartburg Press: Columbus, 1946. p. 642.

⁹ HANKO, Ronald. *Doctrine according to godliness*. Reformed Publishing Association: Jenison, 2012. p. 299-300.

planos de Deus. Afirma C. I. Scofield “nas predições concernentes ao futuro de Israel e da Igreja, a distinção é ainda mais surpreendente. A Igreja será arrebatada inteiramente da Terra, mas Israel, restaurado, deve ainda ter maior esplendor e poder terreno”.¹⁰

Por isso, os dispensacionalistas acreditam que o estado judaico moderno faz parte do Reino messiânico de Jesus Cristo e é o precursor profético da conversão maciça do povo judeu. Outra afirmação popular do sistema é que o sacerdócio e o sistema sacrificial do Antigo Testamento serão restabelecidos por Cristo.

Aspectos literários

Os evangelhos são geralmente classificados como literatura narrativa porque fazem o relato da história de Jesus. Eles não podem ser classificados como uma biografia. Os Evangelhos são as boas novas da salvação, de como Deus cumpriu sua promessa do Messias Salvador ao seu povo. Eles contam a história de como Cristo nasceu, viveu, morreu e ressuscitou, e finalmente foi assunto ao céu, e registram a revelação que ele deixou a nós através de seus ensinamentos e sinais.

Nenhum livro antes dos quatro evangelhos canônicos recebeu esta designação.¹¹ Somente muito tempo depois é que surgiram os chamados “evangelhos apócrifos”, que não foram aceitos pela igreja cristã, por não serem reconhecidos como inspirados e confiáveis.

A erudição conservadora, que utiliza o método histórico-gramatical, compreende que os evangelistas escolheram criteriosamente seu material narrativo e organizaram da forma que melhor comunicasse o conteúdo da mensagem de Cristo. As narrativas são historicamente precisas, embora também se reconheça que tenham uma dimensão literária e estética que contribui para um propósito teológico geral.

O escritor do evangelho segundo Marcos não se identifica. Como em todos os evangelhos canônicos, o texto é anônimo. O título mais curto *κατὰ Μάρκον* é encontrado no *Códice do Vaticano* (B) e no *Códice Sinaítico* (Θ), ambos datados no século IV. Com o tempo, o título se tornou mais elaborado. No quinto século é fácil encontrar

¹⁰ SCOFIELD, C. I. *Manejando bem a palavra da verdade*. São Paulo: Batista Regular, 1959. p. 13.

¹¹ A este respeito ver a importante contribuição de BLOMBERG, Craig. *Jesus e os Evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2009. Especialmente o capítulo quatro onde o autor trata da crítica histórica dos evangelhos.

manuscritos com o título εὐαγγέλιον κατὰ Μάρκον (A D W) e muito tempo depois, a frase encontrada é τὸ κατὰ Μάρκον ἄγιον εὐαγγέλιον (209). Carson acredita que os títulos foram, inicialmente, acrescentados quando os evangelhos começaram a circular juntos e houve a necessidade de distinguir a versão de Marcos dos demais evangelhos.¹²

Pode-se concluir que, estes títulos embora não pertençam a forma original do Evangelho, foram acrescentados por causa do cuidado de copistas cristãos num período posterior.

Os antigos pais da igreja relacionam o jovem João Marcos como autor do evangelho. A tradição é provavelmente oriunda do bispo de Hierápolis, Papias (70-170 d.C), que reconhece atrás da narrativa de Marcos a pregação e autoridade do apóstolo Pedro. Esta afirmação de Papias é conservada por Eusébio da seguinte maneira:

Por outro lado, cremos necessário acrescentar, ao que já dissemos sobre Papias, a tradição que expõe a respeito de Marcos, que escreveu o Evangelho, dizendo assim: “O presbítero dizia também o seguinte: Marcos, que foi o intérprete de Pedro, escreveu fielmente, embora desordenadamente, tudo o que recordava sobre as palavras e as ações do Senhor. De fato, ele não tinha ouvido o Senhor, nem o havia seguido. Mais tarde, como já disse, ele seguiu a Pedro, que lhe dava instruções conforme as necessidades, mas não como quem compõe um relato ordenado das sentenças do Senhor. Assim, Marcos em nada errou, escrevendo algumas daquelas coisas da forma como as recordava. Com efeito, sua preocupação era uma só: não omitir nada do que tinha ouvido, nem falsificar nada do que transmitia.” Esse é o relato de Papias a respeito de Marcos.¹³

Testemunhos posteriores de Tertuliano, Justino Mártir, Clemente de Alexandria, Irineu, Orígenes, Jerônimo e o Cânon Muratoriano confirmam a tradição de Papias.

O testemunho bíblico pode ser alistado da seguinte forma: A mãe de João Marcos recebia uma igreja em sua casa (Atos 12.12), Marcos viajou com Paulo e Barnabé numa viagem missionária (Atos 12.25, 15.37 e 39). Ele é citado nas epístolas paulinas de Colossenses 4.10, 2 Timóteo 4.11 e Filemom 24. E para reforçar a tradição do serviço junto a Pedro, Marcos é citado em 1 Pedro 5.13.

No entanto, a moderna crítica bíblica levanta dúvidas sobre a versão tradicional. Werner G. Kümmel, por exemplo, afirmou que

¹² CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 103-104.

¹³ *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 331.

Papias é a única testemunha independente, pois os demais relatos a respeito de Marcos, como as ‘Memórias de Pedro’ e das circunstâncias que teriam levado Marcos a escrever a pregação de Pedro, dependem todos de Papias, não tendo pois o menor valor como testemunha independente.¹⁴

Mais adiante, Kümmel declara que Papias inventou o relacionamento entre Marcos e o apóstolo Pedro, para defender a origem do evangelho.¹⁵

Contudo, Carson rejeita a tese de Kümmel, pois “não parece que Papias esteja defendendo a autoria de Marcos, ou o seu relacionamento com Pedro, mas apenas a fidedignidade do evangelho em face da acusação de que lhe faltava ‘ordem’”.¹⁶ Mais adiante Carson diz: “isso é surpreendente, pois a tendência na igreja primitiva era associar apóstolos à redação dos livros do Novo Testamento”.¹⁷

Martin Hegel também não rejeita o testemunho patrístico. Para ele a tradição da igreja é mais plausível do que a crítica moderna. Segundo ele, “de fato não é impossível considerar Clemente e Irineu como corretos, se Marcos começou seu Evangelho antes e o terminou depois da morte de Pedro; uma sugestão que merece mais consideração do que geralmente recebe”.¹⁸ Vincent Taylor declara: “Não pode haver dúvida de que o autor do Evangelho era Marcos, o atendente de Pedro”.¹⁹

Daniel J. Harrington sugere que o evangelho foi escrito em Roma. O livro foi composto nos anos 60, já que a comunidade cristã vivia sob a ameaça (ou a realidade) da perseguição e via a incipiente revolta na Palestina como fontes de dificuldades para os cristãos em Roma.²⁰

Ched Myers, embora atribuindo a produção do evangelho na Palestina, corrobora com a posição de Harrington. Para ele, “a data da destruição romana do templo de Jerusalém tem muito a ver com a maneira como se interpreta a polêmica de Marcos com o templo”.²¹

Os que atribuem ao evangelho data posterior a 70 d.C. tipicamente argumentam que Marcos simplesmente tentava justificar a separação teológica da

¹⁴ KÜMMEL, Werner G., *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 113.

¹⁵ KÜMMEL, 2005, p. 111.

¹⁶ CARSON, 2001, p. 103-104.

¹⁷ CARSON, 2001, p. 104.

¹⁸ HENGEL, Martin. *Studies in gospel of mark*. London: SCM, 1985. p. 28-30.

¹⁹ TAYLOR, Vicent. *The gospel according to st. mark: The greek text with introduction, notes and indexes*. Grand Rapids: Baker, 1981. p. 26.

²⁰ BROWN, Raymond et.al. *Comentário bíblico são jerônimo: novo testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2011. p. 66.

²¹ MYERS, Ched. *O evangelho de são marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 68.

comunidade cristã com o culto judaico [...]. Em contraposição, penso que uma data anterior a 70 e durante a revolta (portanto, depois de 66) é essencial à coerência da ideologia política e econômica da narrativa de Marcos. A forte crítica que Marcos lança ao estado do templo e à sua economia política teria sido evidentemente supérflua se o templo já houvesse sido destruído.²²

Estrutura geral do evangelho de Marcos

A narrativa de Marcos apresenta o ministério de Jesus seguindo uma sequência geográfica: depois do batismo vem o ministério na Galileia, depois a retirada para o norte, tendo como ponto de transição a confissão de Pedro, depois o ministério na Judéia e Pereia a caminho de Jerusalém e o ministério final em Jerusalém, que resultou na sua morte. Apresenta um número maior de narrativas (tanto de fatos como de ensinamentos), mas geralmente de caráter breve, que frequentemente culminam com uma declaração marcante de Jesus. Incluem mais ação e menos reflexão.

- I. Introdução: O início do evangelho (1.1-13)
- II. O ministério de Cristo (1.14-8.30)
 - A. A autoridade de Jesus e a cegueira dos fariseus (1.14-3.6)
 - 1. Introdução (1.14-20)
 - 2. Milagres de cura (1.21-45)
 - 3. Narrativas de controvérsias (2.1-3.6)
 - B. As parábolas e os sinais de Jesus, e a cegueira do mundo (3.7-6.6a)
 - 1. Discipulado e oposição (3.7-35)
 - 2. Parábolas (4.1-34)
 - 3. Mais milagres dramáticos (4.35-6.6a)
 - C. O ministério de Jesus aos gentios e a cegueira dos discípulos (6.6b-8.30)
 - 1. Mais missão, oposição e milagres (6.6b-56)
 - 2. Puro e impuro: a retirada de Israel (7.1-8.21)

²² MYERS, 1992, p. 68.

3. Visão física e espiritual (8.22-30)
- III. A paixão de Cristo (8.31-16.8)
- A. Predições da morte e significado do discipulado (8.31-10.52)
 1. Cruz e ressurreição pressagiadas (8.31-10.52)
 2. Sobre a verdadeira mordomia (9.30-50)
 3. Ministério na Judéia à luz da cruz (10.1-52)
 - B. Jesus e o templo (11.1-13.37)
 1. Entrada e julgamento (11.1-25)²³
 2. Ensino e debate (11.27-12.44)
 3. Discurso no monte das oliveiras (13.1-37)
 - C. O clímax da vida de Jesus (14.1-16.8)
 1. Preparação para o sofrimento (14.1-72)
 2. Crucificação (15.1-47)
 3. Ressurreição (16.1-8).²⁴

Marcos 13: um pequeno apocalipse?

A designação de Marcos 13 de “pequeno apocalipse” teve origem com Timothée Colani²⁵, que foi professor de teologia em Estrasburgo e Wilhelm Weiffenbach²⁶, professor do Seminário Teológico de Friedberg na Alemanha.

Segundo essa hipótese, o discurso do Monte das Oliveiras não é um registro digno de crédito das palavras de Jesus, mas sim um apocalipse abreviado que reflete as ideias

²³ O versículo 26 não aparece nos manuscritos mais antigos e confiáveis. Na edição revista e atualizada de Almeida, publicada pela SBB, ele aparece entre colchetes.

²⁴ BLOMBERG, Craig L. *Jesus e os evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 153-154.

²⁵ COLANI, Timothée. *Jésus christ et les croyances messianiques de son temps*. Strasbourg: Treuttel & Wurtz, 1864.

²⁶ WEIFFENBACH, Wilhelm. *Der wiederkunftsgedanken jesu: nach den synoptikern kritisch untersucht und dagegestellt*. Leipzig: Breitkopf and Hüertel, 1873.

messiânicas judaicas que Marcos incorporou em seu evangelho.

As conclusões de Colani derivam de sua tentativa de determinar os ditos autênticos de Jesus. O dilema era: se Jesus profetizou o fim do mundo em Marcos 13, então ele estava errado; mas se nós assumimos que Jesus não pode errar, tais profecias não são dele.

No século XX, os principais proponentes desta hipótese foram Rudolph Bultmann²⁷, Normann Perrin²⁸ e Vicent Taylor.

Vicent Taylor assim argumenta,

Sugere-se que, antecipando os horrores do cerco de Jerusalém, alguns cristãos desconhecidos prepararam um pequeno folheto de profecias judaicas ou judaico-cristãs para dar encorajamento e esperança aos cristãos de sua época e, desde então, o incorporaram aos pronunciamentos escatológicos de Jesus.²⁹

3 OLHARES DO MONTE DAS OLIVEIRAS AO TEMPLO

É dentro desse contexto descrito nos capítulos anteriores que foi escolhido, como foco documental desta pesquisa, o texto de Marcos 13.1-37. Pretende-se defender a tese que o discurso escatológico em Marcos 13 se refere somente a destruição de Jerusalém e aos eventos de sua geração.

Logo a seguir é apresentado o texto bíblico de Marcos 13.³⁰

E saindo do templo, disse-lhe um de seus discípulos:

- Mestre, veja que pedras e que construções!

Mas, Jesus lhe respondeu:

- Vês estas grandes construções?

Certamente, não será deixada aqui pedra sobre pedra que certamente não seja destruída.

E assentando-se no Monte das Oliveiras, diante do templo, quando Pedro, Tiago, João e André lhe perguntaram em particular:

- Dize-nos quando estas coisas serão e que

²⁷ BULTMANN, Rudolph. *History of synoptic tradition*. Oxford: Blackwell, 1968.

²⁸ PERRIN, Norman. *Rediscovering the teaching of Jesus*. New York: Harper & Row, 1967.

²⁹ TAYLOR, 1981, p. 498.

³⁰ A não ser que seja indicada, a tradução dos versículos de Marcos 13 foi realizada mim. Tentei preservar a metrificacão do texto original.

sinal haverá quando todas estas coisas vierem a se cumprir?

Então, Jesus começou a dizer-lhes:

- Vede que ninguém vos engane. Muitos virão em meu nome dizendo: Eu sou e a muitos enganarão. E quando ouvirdes falar de guerras e rumor de guerras, não vos pertubeis, é necessário que tais coisas aconteçam, mas ainda não é o fim. Pois se levantará nação contra nação e reino contra reino. Haverá terremotos em vários lugares, haverá fomes. Estas coisas são os princípios das dores de parto.

- E tende cuidado de vós mesmos, porque vos entregarão aos sinédrios e as sinagogas; sereis espancados, e por minha causa, comparecereis à presença de reis e de governadores para lhes dar testemunho. E é necessário que antes o evangelho seja proclamado a todas as nações. E quando forem presos e levados ao julgamento, não se preocupeis com o que haveis de falar. Mas, o que for dado a vós naquela hora, isto falai. Pois não sois vós o que falais, mas o Espírito Santo. E um irmão entregará à morte outro irmão, em o pai, ao filho. Filhos se levantarão contra os pais, e os matarão.

- E sereis odiados por todos por causa de meu nome. Mas, o que perseverar até o fim sobreviverá.

Mas, naqueles dias, depois da referida tribulação,

o sol escurecerá,

a lua não dará sua luz,

as estrelas cairão do céu,

e os poderes dos céus serão abalados.

Então verá o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória.

E ele enviará seus mensageiros e reunirá os seus eleitos dos quatro ventos, da extremidade da terra até a extremidade do céu.

Aprendam a parábola da figueira: quando seus ramos se renovam e suas folhas começam a brotar, vós sabeis que o verão está próximo. Assim também vós, quando virdes estas coisas acontecendo,

sabeis que ele está próximo, às portas.

Eu lhes asseguro que não passará esta geração até que todas essas coisas aconteçam.

O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão.

Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, senão somente o Pai.

Tende cuidado! Vigiai! Não sabeis quando virá esse tempo.

É como um homem que sai de viagem. Ele deixa sua casa, encarrega de tarefas cada um dos seus servos e ordena ao porteiro que vigie.

Vigiai, porque vocês não sabem quando o dono da casa voltará: se à tarde, à meia-noite, ao cantar do galo ou ao amanhecer. Se ele vier de repente, que não vos encontre dormindo! O que lhes digo, digo a todos: Vigiai!

3.1 Os Discípulos e o Esplendor do Templo

E saindo do templo, disse-lhe um de seus discípulos:

- Mestre, veja que pedras e que construções!

Mas, Jesus lhe respondeu:

- Vês estas grandes construções? Certamente, não será deixada aqui³¹ pedra sobre pedra que certamente não seja destruída.

De acordo com o registro de Marcos 11.27, Jesus estava no templo: “Chegaram novamente a Jerusalém, e quando Jesus estava caminhando pelo templo, vieram até ele os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos”. Logo após, são registrados vários debates de Jesus com as autoridades civis e religiosas.

Ao fim do dia, Jesus saiu do templo e da cidade. No caminho, um discípulo, com reverência, chama atenção à magnificência do templo, que oferecia um quadro

³¹ A leitura ὧδε λίθος ἐπὶ λίθον tem vigorosa evidência (⋈ B L W Δ Θ Ψ *f*¹ *f*³ 28 33 700 *al*). No entanto, o manuscrito alexandrino (A) e um grande número de minúsculos traz a variante λίθος ἐπὶ λίθῳ. Segundo Roger Omason (2010:94), essa variante não passa de variação estilística e não afeta o significado do texto.

impressionante visto do Monte das Oliveiras.

O templo em Jerusalém havia de tornado o símbolo da esperança de Israel. Ele representava o amor exclusivo de Deus por Israel, a estabilidade e a presença de Deus no meio do Seu povo. Era um dos grandes santuários da antigüidade. Seu complexo formava o centro do judaísmo. O Templo devia ser o lugar onde, particularmente em três festas anuais, eles deviam regozijar-se diante de seu Deus e lembrar da suas grandes bênçãos concedidas a eles.

Não é de se admirar que os discípulos ficassem surpreendidos ao ouvirem de Jesus, que o templo seria totalmente destruído. Deve ser lembrado que neste momento o templo ainda estava sendo construído e ele seria derrubado poucos anos depois da conclusão das obras.

Martin Volkmann destaca a relevância do Templo para comunidade judaica na época de Jesus: “o templo no período herodiano é uma instituição enorme, imponente e de muito luxo (Mc13.1). Para construir esta obra suntuosa foram necessários somas vultuosas e um exército de operários durante decênios”.³²

Com sua loquacidade característica, Flávio Josefo³³ apresenta a seguinte descrição:

O Templo achava-se construído sobre uma forte colina. Todos os pórticos eram duplos e suas colonas atingiam 11 metros³⁴ de altura, eram monólitos do mármore mais branco possível; os tetos eram de lambris de cedro. A magnificência natural de tais pórticos, a perfeição de seu polimento e de seu ajustamento ofereciam um espetáculo impressionante, e isso sem nenhum embelezamento artificial devido ao trabalho de algum pintor ou escultor. A parte que ficava a céu aberto, de ponta a ponta, era diversificada por um pavimento de pedras multicores. Quando, depois de atravessá-lo, a pessoa prosseguia em direção ao segundo pátio do Templo, encontra-o cercado por uma barreira de pedra de um metro e meio³⁵ de altura, um trabalho belíssimo. Os pórticos, entre os portais voltados para o interior a partir da parede, em frente aos edifícios do tesouro, eram sustentados por colunas muito belas e altíssimas. Esses pórticos não eram duplos, mas excetuando-se na grandeza, nada deixavam a desejar se comparados aos do pátio inferior. Nove dos portais eram, em toda a sua superfície, cobertos de ouro e prata, como eram também suas traves e batentes; um, porém, que ficava do lado de fora do Santuário, de bronze de Corinto, superava amplamente em valor os portais revestidos de placas de prata e ouro. No aspecto exterior da construção, nada se omitira para impressionar o espírito e os olhos. Com efeito, como era recoberta de todos os lados por espessas placas de

17. ³² VOLKMANN, Martin. *Jesus e o Templo*. São Leopoldo e São Paulo: Sinodal e Paulinas, 1992. p.

³³ VV.AA. 1986, p. 30-32.

³⁴ No original, vinte e cinco côvados.

³⁵ No original, três côvados.

ouro, desde o nascer do sol ela refletia a luz com tal intensidade, que obrigava os que se sentiam impelidos a olhar para ela a desviar os olhos como diante de raios solares. Para estrangeiros que chegavam, ela aparecia ao longe como uma montanha coberta de neve, pois, não onde era revestida de ouro, era-o do mármore mais branco possível. Algumas pedras da construção tinham 19,8 metros de comprimento, 2,2 metros de comprimento e 2,64 metros de largura.³⁶

Segundo Volkmann, a remodelação do templo feita por Herodes, ocupou a quinta parte de toda área da cidade. Com essa ampliação, toda a área do templo perfazia um total de mais ou menos 150.000 m². O acesso a esta área se dava através de oito portões: dois ao sul, quatro a oeste e um ao norte e a leste. Havia dois átrios: o maior, chamado de pátio dos gentios e um menor, destinado exclusivamente aos judeus.³⁷

Como um mercado público, o pátio dos gentios contava com muitas lojas, que serviam os milhares de adoradores que se reuniam de todas as partes do mundo para as grandes festas de Israel. Algumas trocavam moedas estrangeiras por moedas sem efígies exigidas como pagamento da taxa do templo, outras vendiam animais para o sacrifício depois da vistoria das autoridades. Algumas vendiam óleo, vinho e sal necessários para os sacrifícios.

Embora o câmbio fosse considerado legal, os cambistas cobravam taxas exorbitantes. As autoridades religiosas recebiam uma percentagem dos lucros. Os gentios que vinham consultar o Deus de Israel eram humilhados em nome da ganância e do lucro fácil.

Todas essas atividades impediam o templo de cumprir seu verdadeiro propósito: De ser casa de oração para todos os povos.

Sobre isto destaca o estudioso Warren W. Wiersbe.

Os judeus orgulhavam-se de seu templo, apesar de ter sido construído pela família de Herodes a fim de apaziguar o povo. Jesus já havia deixado claro o que pensava sobre o templo (Mc 11.15-17), mas seus discípulos ficaram fascinados com a grandiosidade da construção. Podemos imaginar como ficaram chocados quando Jesus informou-os de que, um dia, aquele edifício que tanto admiravam seria deitado por terra. Os líderes judeus o haviam profanado; Jesus se retiraria dele e o deixaria deserto (Mt 23.38); os romanos o destruiriam.³⁸

³⁶ No original, 45 côvados de comprimento, cinco de altura e seis de largura.

³⁷ VOLKMANN, 1992, p. 10.

³⁸ WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico expositivo: Novo Testamento*. vol. 1. Santo André, SP: Geográfica, 2007. p. 199.

3.2 Jesus e a queda das pedras do Templo

A destruição do templo de Jerusalém é o sinal de que caiu a velha ordem e que a nova havia começado.

Assim como os profetas da igreja do Antigo Testamento, Jesus denunciou a estrutura pecaminosa representada pelo templo. Em sua pregação, Jesus demonstrou como as estruturas se pervertem, como no caso dos vendilhões do templo e da aliança da elite religiosa de Israel com o poder romano. O ódio dos religiosos se somou ao pavor dos governantes. Cristo repreendeu o povo quanto às condições sociais e advertiu sobre a iminência do cativo, da destruição da nação pecaminosa.

Na igreja a ação profética é exercida como denúncia de pecado, micro e macro, tanto no âmbito pessoal como no âmbito nacional, uma vez que o pecado pode estar impregnado no sistema, na estrutura.

Em Isaías 58.3-8, quando o povo de Deus pergunta: “Por que é que nós oramos e jejuamos e tu não nos respondes?”, Deus diz: “É porque vocês jejuam e oram para a iniqüidade, vocês estão oprimindo os pobres, e seus próprios operários, e o jejum que eu quero, é que vocês cortem as ligaduras da impiedade, é que ajam com justiça em relação aos desamparados”.

Sendo assim, a ação profética da Igreja, exemplificada aqui por Jesus, constitui-se em detectar o pecado instalado no indivíduo e na sociedade, em estruturas de exclusão, de injustiça. Quando a igreja mostra a estrutura caída, pecaminosa, ela aponta para uma esperança, esperança de mudança das estruturas. As estruturas se pervertem, como no caso da escravidão ou discriminação, injustiça social ou outro mal social e quando a igreja está inserida dentro dessa estrutura espera-se que não só os indivíduos sejam transformados pela ação do evangelho, mas que essas estruturas macro também sejam.

Portanto, a preocupação pelo aspecto social do testemunho da igreja não é um abandono das verdades do evangelho, mas sua afirmação. Exemplos históricos corroboram esta tese, como João Calvino e sua influência em Genebra, o papel do avivamento de George Whitefield na transformação social da Inglaterra, entre outros.³⁹

³⁹ A este respeito, destacam-se os estudos de André Biéler. *A Força Oculta dos Protestantes*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999. Ronald Wallace. *Calvino, Genebra e a Reforma: Um estudo sobre Calvino como um Reformador Social, Clérigo, Pastor e Teólogo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

Jesus e o prenúncio do juízo e da libertação

O princípio das dores

E assentando-se no Monte das Oliveiras, diante do templo, quando Pedro, Tiago, João e André lhe perguntaram em particular:

- Dize-nos quando estas coisas serão e que sinal haverá quando todas estas coisas vierem a se cumprir?

Então, Jesus começou a dizer-lhes:

- Vede que ninguém vos engane. Muitos virão em meu nome dizendo: Eu sou e a muitos enganarão. E quando ouvirdes falar de guerras e rumor de guerras, não vos perturbeis, é necessário que tais coisas aconteçam, mas ainda não é o fim. Pois se levantará nação contra nação e reino contra reino. Haverá terremotos em vários lugares, haverá fomes. Estas coisas são os princípios das dores de parto.

- E tende cuidado de vós mesmos, porque vos entregarão aos sinédrios e as sinagogas; sereis espancados, e por minha causa, comparecereis à presença de reis e de governadores para lhes dar testemunho. E é necessário que antes o evangelho seja proclamado a todas as nações. E quando forem presos e levados ao julgamento, não se preocupeis com o que haveis de falar. Mas, o que for dado a vós naquela hora, isto falai. Pois não sois vós o que falais, mas o Espírito Santo. E um irmão entregará à morte outro irmão, em o pai, ao filho. Filhos se levantarão contra os pais, e os matarão.

- E sereis odiados por todos por causa de meu nome. Mas, o que perseverar até o fim sobreviverá.

A resposta de Jesus foi predizer a destruição do templo, a ameaça dos falsos mestres e a perseguição dos seus seguidores. Cristo advertiu-os com respeito a serem levados para o caminho errado pelos falsos sinais e prosseguiu descrevendo tudo quanto ocorreria após a sua partida. Entre a ressurreição de Cristo e a destruição do templo em Jerusalém, surgiram vários líderes messiânicos em Israel.

Haveria comoções nacionais e calamidades públicas. Fomes, epidemias, terremotos e guerras são descritas como princípios das dores de parto. William Lane assim explica: “Jesus utilizou uma frase técnica da literatura rabínica para descrever o intenso sofrimento que precederia a libertação messiânica”.⁴⁰

Houve violentos conflitos entre os judeus e os habitantes de Alexandria, Síria e Babilônia. No reinado de Calígula, inúmeras prisões foram realizadas na Judéia, resultantes

⁴⁰ LANE, 1974, p. 458.

dos conflitos com os romanos, em consequência da proposta do imperador de colocar sua própria estátua no templo de Jerusalém. No reinado do imperador Cláudio (41-54 d.C.) houve grande escassez. O preço dos alimentos subiu tanto que levou muitos habitantes da Judéia a morrer de fome. Ocorreram terremotos durante os reinados de Calígula e Cláudio.

O historiador romano Tácito escreve o seguinte:

A história na qual estou entrando é um de um período rico em desastres, de batalhas terríveis, agitado por lutas civis; um período horrível, mesmo em tempo de paz. Quatro imperadores morreram pela espada.⁴¹ Ocorreram três guerras civis, guerras com países estrangeiros, e, às vezes, ambas ao mesmo tempo. Houve sucesso no Oriente e infortúnio no Ocidente. A Ilíria sofreu perturbação, as províncias da Gália se agitaram e a Bretanha, depois de subjugada imediatamente escapou do controle. Os sarmatas e os suebes se levantaram contra nós; os dacianos conquistaram fama por derrotas infligidas e sofridas; mesmo os parciais por pouco não foram levados às armas por causa de artimanhas de um falso Nero. Mais ainda, a Itália sofreu aflições por desastres desconhecidos até então, ou que retornaram depois de um intervalo de anos. Cidades nas ricas costas da Campanha foram engolidas ou dominadas; Roma foi devastada por incêndios, nos quais os lugares sagrados mais antigos foram consumidos e o Capitólio foi incendiado pelas mãos de cidadãos. As cerimônias foram contaminadas; os adultérios eram grande número. O mar ficou cheio de exilados e suas costas rochosas ficaram imundas com os corpos dos mortos [...]. Além das muitas desgraças que se abateram sobre a raça humana, ocorreram prodígios no céu e na terra, com o prenúncio de raios e profecias sobre o futuro, ao mesmo tempo alegres e soturnas, indefinidas e claras. Pois nunca ficou tão provado, por meio das terríveis calamidades do povo romano e dos indubitáveis sinais, que os deuses não se importam com a nossa segurança.⁴²

Jesus e a perseguição da Igreja

Os discípulos seriam perseguidos, ao proclamarem as boas-novas do Reino, nas sinagogas e nos sinédrios. Isto lhes daria oportunidades para testemunho. O próprio Cristo toma a responsabilidade de dar a seus discípulos o auxílio divino de que precisam para fazerem sua defesa e darem seu testemunho. Eles seriam traídos e odiados e alguns deles até sofreriam o martírio, mas seriam guardados se agüentassem tudo isso pacientemente.

A Grande Tribulação

E quando virdes a abominação desoladora situado onde não deveria estar, quem lê entenda. Então os que estiveram na Judeia fujam para os montes; e quem estiver no terraço não desça nem entre em sua casa para tirar algo; e o que estiver no campo não volte para trás para pegar sua túnica. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orai para que isso

⁴¹ Aqui Tácito se refere a Nero, Galba, Oto e Vitélio.

⁴² TACITUS. *Histories*. Trad. Clifford H. Moore. Cambridge, Mass: Harvard University; London: W. Heinemann, 1998 (The Loeb Classical Library), 2v. p. 5-6.

não aconteça no inverno. Porque aqueles dias serão de tamanha tribulação como nunca houve desde o princípio do mundo, que Deus criou, até agora e nunca jamais haverá. E se o SENHOR não tivesse abreviado tais dias, nenhuma pessoa seria salva, mas por causa dos eleitos que ele escolheu, abreviou tais dias. Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis. Pois se levantarão falsos cristos e falsos profetas, realizando sinais e prodígios para enganar, se possível, os eleitos. Mas, vós tende cuidado; tudo vos tenho predito.

A misteriosa abominação desoladora

A expressão βδέλυγμα τῆς ἐρημώσεως (abominação desoladora) encontra-se no livro de Daniel (12.11): “Depois do tempo em que o sacrifício diário for tirado, e posta a abominação desoladora (שְׁקִיטָה אֲשֶׁר יִקְרָא), haverá ainda mil e duzentos e noventa dias”. (11.31). “Dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício diário, estabelecendo a abominação desoladora” (הַשְׁקִיטָה אֲשֶׁר יִקְרָא). (9.27). “Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador (שְׁקִיטָה אֲשֶׁר יִקְרָא), até a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele”.

Esta frase misteriosa constitui parte do vocabulário apocalíptico. Trata-se, portanto, de um símbolo de uma afronta inominável a santidade do templo e ao próprio Deus.

Diversas interpretações desta passagem foram propostas, entre as quais temos: normas imperiais, a imagem de Calígula que seria posta no Templo, um sumo sacerdote despreparado do grupo dos zelotes, a invasão dos romanos liderados por Tito, uma estátua pagã exposta no Templo, um ser humano declarando ser divino e moedas imperiais sendo usadas no Templo.⁴³

Rikki Watts advoga que a melhor interpretação proposta é a seguinte: Se Jesus é a pedra angular no novo templo de Deus, então crucificá-lo é certamente o supremo ato de profanação do templo. Assim, o véu que se rasga na morte de Cristo seja o sinal profético da morte do templo. Como aquela geração não aceitou a presença divina em Jesus, Deus dá a entender que abandonou sua Casa e Jerusalém.⁴⁴

⁴³ CARSON, D.A. & BEALE G.K. *Comentário do uso do antigo testamento no novo testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 280-281.

⁴⁴ CARSON, 2014, p. 281.

No entanto, o peso sobre a investida do exército romano é ainda muito forte. Quando os discípulos vissem exércitos reunindo-se em torno da cidade, deveriam então fugir, pois o julgamento há tanto anunciado sobre Israel estaria para cair e a sujeição aos gentios por um longo tempo estava para ter início. Diante de tamanho suplício, os seguidores de Cristo, alertados por suas palavras, fugiram da Judéia. É digno de nota, a famosa declaração de Eusébio:

Também o povo da igreja de Jerusalém, por seguir um oráculo enviado por revelação aos notáveis do lugar, receberam a ordem de mudar de cidade antes da guerra e habitar certa cidade da Peréia chamada Pella. Tendo os que creram em Cristo emigrado até lá desde Jerusalém, a partir deste momento, como se todos os homens santos tivessem abandonado por completo a própria metrópole real dos judeus e toda a região da Judéia.⁴⁵

Pode-se concluir que as palavras registradas em Marcos se referem a Grande Tribulação e esta precedeu a destruição do templo.

O Triunfo do Filho do Homem

Mas, naqueles dias, depois da referida tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará sua luz, as estrelas cairão do céu, e os poderes dos céus serão abalados. Então verá o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória. E ele enviará seus mensageiros e reunirá os seus eleitos dos quatro ventos, da extremidade da terra até a extremidade do céu.

Este quadro está profundamente radicado na profecia veterotestamentária. Os sinais nos céus referem-se ao julgamento de nações e mudanças cataclísmicas. Marcos está citando a texto de Isaías 13.9-11.⁴⁶ O oráculo do profeta é um ataque contra o orgulho da Babilônia. John N. Oswalt comentando o texto, diz: “Estes versículos amplificam a natureza universal do juízo do Senhor”.⁴⁷

Yahweh está prestes a quebrar o poder da Babilônia, pois, ao ferir seu povo, eles feriram seu povo escolhido, e agora Yahweh levantará sua mão contra eles. O profeta exorta seus ouvintes a se alegrarem, declarando, que muitas nações se unirão a Yahweh e se

⁴⁵ EUSEBIUS. *The ecclesiastical history*. Cambridge, Mass: Harvard University; London: W. Heinemann, 1998 (The Loeb Classical Library), 2v. p. 119-200.

⁴⁶ Cf. Am. 5.18; Jl. 2.2, 31; 3.15; Ez. 32.7; Mq. 3.6. Cf. também Mt. 24.29; Lc. 21.25; Ap. 8.12.

⁴⁷ OSWALT, John N. *Isaias: comentário do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 156.

tornarão seu povo⁴⁸ em uma aliança, quando Yahweh tendo outra vez escolhido Jerusalém, será entronizado em seu templo reconstruído.

O Filho do Homem no Apocalipse de Daniel

R. T. France afirma: “O senso natural das palavras, usadas no contexto judaico, é de uma linguagem poética que se refere às grandes transformações que ocorreram quando Jerusalém e seu templo foram destruídos”.⁴⁹ Portanto, o texto não é sobre um colapso universal, mas sobre o fim da antiga ordem, que será substituída pelo novo regime de Jesus, o Filho do Homem e o crescimento internacional do povo de Deus, a Igreja.

A designação Filho do Homem recebeu todo tipo de interpretação imaginável. É o mais debatido, analisado e discutido título aplicado a Jesus. A maioria dos comentaristas é de opinião que Jesus usou Filho do Homem em todos os três sentidos encontrados nos evangelhos sinóticos: ministério terreno, morte-ressurreição, exaltação futura ou julgamento vindouro.⁵⁰

A expressão Filho do Homem é uma clara alusão e uma interpretação de Daniel 7.13. Daniel 7 é o registro de um sonho no qual Daniel viu quatro animais, dos quais os três primeiros eram diferentes, mas reconhecíveis: um leão, um urso e um leopardo. Porém, o último animal era tão aterrorizante que não se assemelhava a nenhum outro. Ele possuía grandes dentes de ferro, dez chifres e dentre eles, surgiu um com “olhos como os olhos de um homem e uma boca que falava com arrogância” (7.8). Depois do aparecimento do último animal, convocou-se o tribunal escatológico, e “um ancião” se assentou para encabeçar o julgamento. Como veredicto, o quarto animal “foi morto, e o seu corpo foi destruído e atirado no fogo” (7.9-11). Nesse ponto, “alguém semelhante a um filho de homem” surgiu no sonho de Daniel. Ele foi transportado da terra ao céu em nuvens e se aproximou do “ancião” enquanto se assentava para o julgamento (7.13). Diferentemente do quarto animal aterrorizante e condenado, o “Filho do Homem” foi vindicado.

Quando a interpretação do sonho foi dada, os quatro animais representavam

⁴⁸ Cf. Is. 2.2-4; 66.18-24.

⁴⁹ FRANCE, R.T. *The gospel of mark: a commentary on the greek text*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000. p. 533.

⁵⁰ A este respeito destaco a pesquisa de Morna D. Hocker. *The son of man in mark: study of the background of the term “son of man” and its use in st. mark’s gospel*. London: SPCK, 1967 e ainda a obra de Douglas R.A. Hare. *The son of man tradition*. Minneapolis: Fortress, 1990.

nações gentílicas e o animal com o chifre arrogante é uma nação que persegue o povo de Deus — “guerreava contra os santos e os derrotava” (Dn 7.21), falando contra o “Altíssimo”, oprimindo seu povo, e tentando mudar seu calendário sagrado e suas leis (7.25). Apesar de Deus entregar “seus santos” ao opressor durante um tempo (7.25), posteriormente o tribunal divino intervirá e ele destruirá o poder do opressor (7.26).

Portanto, em Daniel, os quatro animais e “alguém semelhante a um filho de homem” simbolizam nações. Assim como Deus delegou aos seres humanos autoridade sobre os animais (Gn 1.28; 2.19, 20), o “Filho do Homem”, símbolo do povo de Deus, também terá autoridade sobre as nações, porque são os santos do Altíssimo. Entretanto, antes de a autoridade ser conferida, eles devem passar por um período de sofrimento nas mãos de um opressor gentio especialmente violento. Ao término desse período, “alguém como um filho de homem” será vindicado pelo ancião e assumirá a hegemonia justa sobre as nações mediante “um reino que jamais será destruído”.

A visão e sua interpretação, portanto, seguem um padrão triplo. A pessoa descrita como “alguém semelhante a um Filho do Homem” é:

- 1) caracterizada pela autoridade que é;
- 2) ocultada durante algum tempo pela opressão dos inimigos de Deus, mas
- 3) posteriormente vindicada por Deus. Para resumir, como Filho do Homem, Jesus seguiu o padrão estabelecido para “alguém semelhante a um filho de homem”, em Daniel 7.13. Ele possuía autoridade; sofreu nas mãos de seus inimigos e foi vindicado e exaltado por Deus.⁵¹

Os usos do Apocalipse de Daniel no Novo Testamento

O Dr. Earle Ellis acredita que o uso deste texto de Daniel, provavelmente, é um *midrash* de Jesus. Foi complementada por outros ditos e reformulados pelos evangelistas e seus predecessores em algo como um panfleto profético ligado às experiências da Igreja.⁵²

⁵¹ THIELMAN, Frank. *Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética*. São Paulo: Shedd, 2007. p. 83-84.

⁵² ELLIS, E. Earle. “How the New Testament uses the old”, In: *New Testament interpretation*. Ed. I. Howard Marshall. Exeter: Paternoster, 1977. p. 202.

O Filho do Homem e o *sensus* metafórico-semítico

Em aramaico a expressão é *Bar Nascha*. *Bar*, como se sabe, é equivalente aramaico ao hebraico *ben*. Encontramos este termo em diversos nomes próprios tais como Barnabé, Bartolomeu, Barjonas e Barjesus. O termo aramaico *bar* é constantemente utilizado em sentido figurado. Diz-se, por exemplo, em lugar de mentiroso, filho da mentira; os pecadores são chamados de filhos do pecado e um rico é um filho da riqueza. Nesta construção o genitivo que segue a *bar* designa, portanto, a categoria à qual pertence a pessoa em questão. *Bar Nascha* é, portanto, em aramaico, aquele que pertence à espécie humana e significa simplesmente homem.⁵³ Da mesma forma, Daniel 7.13 é mais bem traduzido por “sobre as nuvens do céu, uma figura semelhante a um homem apareceu”.

Larry Hurtado, professor de teologia da Universidade St. Andrews, afirma⁵⁴ que o sintagma *ho hyios tou anthropou* não é um título. Não designa nenhum ofício ou uma figura salvífica aguardada nos evangelhos. A expressão tem função semelhante a de um nome, ou seja, ela identifica uma pessoa. Essa semântica depreende-se, ao meu ver, justamente do plural, os filhos dos seres humanos ou filhos humanos como empregado em Marcos 3.28: “Em verdade vos digo que tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados e as blasfêmias que proferirem”.⁵⁵ Por isso, conclui Hurtado, o sintagma também pode estar em lugar do pronome pessoal “eu”.

Portanto, o Filho do Homem em Marcos não é uma figura angélica, trata-se de uma representação simbólica da figura humana, caracterizando Jesus como aquele que opera na esfera humana.⁵⁶

A vinda do Filho do Homem

O significado da expressão “vir nas nuvens” é encontrado nas referências do Antigo Testamento. A presença de Deus nas nuvens implica juízo e justiça. O salmo 97.2 afirma: “Nuvens e escuridão o rodeiam, justiça e juízo são a base de seu trono”.

⁵³ CULLMANN, Oscar. *Cristologia no Novo Testamento*. São Paulo: Custom, 2002. p. 183.

⁵⁴ HURTADO, Larry W. *Summing up and concluding observations*. Disponível em: <<https://larryhurtado.files.wordpress.com/2010/07/son-of-man-hurtado.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2015.

⁵⁵ Aqui vertido na tradução Revista e Atualizada de Almeida (RA), Sociedade Bíblica do Brasil (SBB).

⁵⁶ Confira: HURTADO, Larry W. *Senhor Jesus Cristo: devoção a Jesus no cristianismo primitivo*. São Paulo: Academia Cristã & Paulus, 2014.

Denunciando os pecados de Israel e anunciando o juízo de Yahweh o profeta Jeremias proclamou: “Eis aí que sobe o destruidor como nuvens; os seus carros, como tempestade”(4.13).

Sua vinda aqui não é visível, nem corporal. Esta é uma expressão metafórica. Ela descreve Jesus como se ele descesse do céu em forma física. Ela faz paralelo com a vinda de Deus contra o Egito no Antigo Testamento: “Mensagem acerca do Egito. O SENHOR vem cavalcando numa nuvem ligeira e entra no Egito. Os ídolos do Egito estremecerão diante dele, e o coração dos egípcios se derreterá” (Is. 19.1). Desse modo, a “vinda” de Cristo significa o juízo metafórico em que ele governa por meio de sua providência os romanos na guerra contra Israel.⁵⁷

E ele enviará seus mensageiros. Aqui Marcos faz referência à pregação do evangelho. Os pregadores anunciaram o evangelho em vastas áreas do império romano. A este respeito são contundentes as palavras de Eusébio de Cesareia:

Assim, sem dúvida por uma força e uma assistência do Céu, a doutrina salvadora, como um raio de sol, iluminou subitamente toda a terra habitada.⁵⁸ De pronto, conforme as divinas Escrituras, a voz de seus evangelistas inspirados e de seus apóstolos ressoou em toda a terra, e suas palavras nos confins do mundo.⁵⁹

A reunião do Filho do Homem com os escolhidos

Reunirá seus eleitos. A expressão reunir é um verbo que pode significar reunir em sinagoga. Chilton acredita que “com a destruição do templo e o sistema do antigo pacto, o Senhor envia seus mensageiros para que juntem seu povo escolhido em sua nova sinagoga”.⁶⁰

Elementos parabólicos do discurso do Monte das Oliveiras: a Figueira

A lição da Figueira.

Aprendam a parábola da figueira: quando seus ramos se renovam e suas folhas começam a brotar, vós sabeis que o verão está próximo.

Assim também vós, quando virdes estas coisas acontecendo, sabeis que

⁵⁷ GENTRY, Kenneth. *Pós-milenarismo para leigos*. Brasília: Monergismo, 2014. p. 40.

⁵⁸ *Oikoumene*.

⁵⁹ EUSEBIUS, 1198, p. 115. O texto grego foi consultado.

⁶⁰ CHILTON, David. *El paraíso restaurado*. Tyler, TX, Dominion Press, 1999. p. 77.

ele está próximo, às portas.

Eu lhes asseguro que não passará esta geração até que todas essas coisas aconteçam.

O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão.

A chave para a compreensão desse discurso está na afirmação: “Eu lhes asseguro que não passará esta geração até que todas estas coisas aconteçam”. Em seguida, Jesus endossou com a declaração intensamente solene do v. 31, afirmando (com o uso de uma expressão idiomática hebraica) que até se céu e terra passarem, suas palavras jamais passarão. Tudo, portanto, o que Jesus predisse até esse ponto no seu discurso, seria uma declaração do que se cumpriria durante os quarenta anos seguintes (entendendo a palavra “geração” no seu sentido normal e natural); e de fato se cumpriu.

A força da parábola é que os acontecimentos descritos constituem sinais da certeza e iminência do juízo vindouro sobre Jerusalém. A figueira pode representar a nação judaica, como em diversas passagens do Antigo Testamento.

Elementos parabólicos do discurso do Monte das Oliveiras: a Casa

Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, senão somente o Pai.

Tende cuidado! Vigiai! Não sabeis quando virá esse tempo.

É como um homem que sai de viagem. Ele deixa sua casa, encarrega de tarefas cada um dos seus servos e ordena ao porteiro que vigie.

Vigiai, porque vocês não sabem quando o dono da casa voltará: se à tarde, à meia-noite, ao cantar do galo ou ao amanhecer. Se ele vier de repente, que não vos encontre dormindo! O que lhes digo, digo a todos: Vigiai!

A expressão *nem o Filho* é alvo de considerada disputa. Tradicionalmente é interpretada que Cristo, em sua aceitação voluntária das limitações da encarnação, não participa do segredo da revelação do juízo. A monção está oculta nos conselhos do Pai de tal modo que o próprio Filho não compreende. Por este motivo, repete-se a exortação à vigilância.

É necessário vigiar porque ninguém sabe o momento da *parusia*. A parábola ressalta a imprevisibilidade do retorno do proprietário da casa, obrigando o porteiro a

permanecer vigilante. A vigilância é definida não como o abandono das responsabilidades, mas como o fiel cumprimento delas.

ⁱ Professor de teologia, exegese e história da igreja. Mestre em teologia pela Faculdade EST, São Leopoldo, RS. Bacharel e licenciado em história pela Universidade de Brasília (UnB) e bacharel em teologia pela Faculdade Cristã Evangélica do Planalto.